

As periferias existenciais na Amazônia Brasileira: contribuições do Magistério de Francisco e os desafios pastorais para uma Igreja em saída

Dimas José de Oliveira¹

Resumo: O Papa Francisco já se referiu diversas vezes ao termo “periferias existenciais” quando vai se dirigir à necessidade urgente a que conclama todos os cristãos e cristãs: para que façam parte de uma “Igreja em Saída” rumo às pessoas que estão nas periferias e “que precisam da luz do Evangelho”. O pontífice também ampliou o sentido do termo ao dizer que as pessoas que vivem nas periferias existenciais “não são apenas aqueles que por motivos econômicos se encontram à margem da sociedade, mas também quantos estão saciados de pão, mas vazios de sentido”. Portanto, em 2022, por meio do Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral, o papa pediu para escutar humilde e atenciosamente os habitantes das periferias existenciais para captar suas alegrias e esperanças, suas dores e angústias. Essa escuta ocorreu em diversas partes do mundo, inclusive, na região Amazônica brasileira, por meio de entrevistas que ajudaram a identificar as contribuições do Magistério de Francisco, bem como conhecer os desafios pastorais que a Igreja do Brasil tem para a Amazônia.

Palavras-chave: Periferias existenciais. Amazônia. Francisco. Pastoral. Escuta

INTRODUÇÃO

No ano de 2022, o Papa Francisco manifestou o seu desejo de escutar humilde e atenciosamente os habitantes das periferias existenciais para captar suas alegrias e esperanças, suas dores e angústias. Para atingir esse objetivo, por meio do Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral (DSDHI), sob a gestão de Sérgio Massironi, uma grande equipe foi formada em todo mundo, considerando todas as regiões do planeta (África, América Latina, América do Norte, Leste e Sudeste da Ásia e Oceania, Oeste e Sul da Ásia e Europa). Com a coleta do material audiovisual, que foi composto por entrevistas com homens e mulheres que vivem territorial ou simbolicamente nas periferias existenciais, identificou-se as contribuições do Magistério do Papa Francisco para a Igreja local. Dez temas foram escolhidos para serem abordados nas entrevistas, por meio de perguntas já elaboradas pela equipe do DSDHI. Os temas foram os seguintes: sabedoria das margens; vulnerabilidade e ternura; consciência ecológica; perspectivas das mulheres; revelação e alegria; cristãos na esfera pública: novos paradigmas; esperança e fé; deixando o clericalismo para trás; acolhendo as pessoas migrantes e refugiadas; e diálogo e encontro.

O trabalho de ouvir as entrevistas e de interpretá-las à luz da Sagrada Escritura dos ensinamentos do Papa Francisco (*Evangelii Gaudium*, *Laudato si'* e *Fratelli tutti*) foi realizado de modo coletivo e, por fim, disponibilizado no *website* do Dicastério para a Promoção

1 Bacharel em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, bacharelado de teologia na FAJE. E-mail: dimasjoliveira@gmail.com

do Desenvolvimento Humano Integral para serem utilizados por toda a Igreja. O trabalho consistiu na produção de cartilhas e vídeos elaborados para cada tema da pesquisa e tem como um de seus objetivos colaborar com as comunidades eclesiais com subsídios pastorais e acadêmicos que apresentam a realidade das periferias existenciais sob seus mais diversos aspectos.

1 A AMAZÔNIA BRASILEIRA COMO PANO DE FUNDO

Parte do trabalho de investigação, como já explicitado, foi realizado na América Latina, que incluiu algumas entrevistas realizadas em diversas partes do território latinoamericano. Entre elas, a Amazônia Brasileira. De acordo com membros do DSDHI, o papa Francisco demonstrou um interesse especial em ouvir as pessoas que estão localizadas nessa terra de missão. Ao todo, foram ouvidas cerca de 20 pessoas nos mais diversos contextos e residentes nas cidades de Manaus (AM), Boa Vista (RR), Assis Brasil (AC) e Porto Velho (RO). Migrantes, indígenas, jovens, pessoas idosas, líderes de comunidades, pessoas que prestam trabalho voluntário tiveram a oportunidade de compartilhar suas experiências de vida nessa região tão importante para o Brasil, para a Igreja e para o mundo. Assim como é contemplada em todo o seu esplendor, quase com a mesma intensidade, ou até um pouco mais, a Amazônia também é alvo e vítima de pessoas e, principalmente, de organizações que veem nessa terra sagrada apenas uma fonte de recursos a ser explorada e dominada pelo capital financeiro. Trata-se de uma lógica destrutiva que não considera a fauna, a flora, a ancestralidade e o modo de vida dos povos e populações nativas que necessitam de todo o bioma amazônico para sobreviver. Infelizmente, essa lógica é o resultado de uma ordem socioeconômica global que prevalece e se desenvolve a cada dia. O lucro justifica qualquer ação de devastação socioambiental em prol da falsa ideia de desenvolvimento que beneficia poucos e arruína o bem-estar de milhões de pessoas, destinando-as a uma vida miserável e sem oportunidades. A partir desse chão marcado por riquezas e mazelas é que sobressaem histórias de pessoas com testemunhos que podem ser considerados como louváveis, por estarem imersos em realidades tão duras, mas que a bondade e a ternura de Deus se manifestam como torrentes em meio a um deserto de incertezas e de injustiças.

2 HOSPITAL-COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO

Como o espectro dos relatos de experiências foi bastante diversificado, nesse texto, por questões de limitação de conteúdo, será apresentado apenas um recorte do que foi e pode ser encontrado na realidade eclesial da Amazônia Brasileira. Como é o caso do senhor José Rodrigues de Souza, antigo paciente do extinto Hospital-Colônia Antônio Aleixo, localizado na periferia de Manaus, a maior cidade da Amazônia brasileira, localizada praticamente no meio de toda a selva. Com uma população estimada em mais de 2.255.000 habitantes (IBGE, 2024), Manaus é uma cidade que enfrenta os desafios comuns às grandes cidades brasileiras, como a falta de saneamento básico, educação de qualidade, moradia digna e condições satisfatórias de atendimento à saúde da população, especialmente a mais pobre. Nesse contexto

urbano e social está o bairro conhecido como Colônia Antônio Aleixo, localizado na periferia da cidade.

Originado pelo fechamento do Hospital-Colônia Antônio Aleixo,

O bairro ficou estigmatizado por causa do mal de Hansen, doença conhecida pelo termo preconceituoso - hanseníase. Suas atividades iniciais remontam à década de 1940, quando os internos foram gradualmente transferidos da Colônia Belizário Penna, em Paricatuba. Foram encerradas oficialmente em 1978, quando o Hospital foi desativado e a Colônia tornou-se um bairro de Manaus, declarado aberto e de livre circulação (ALVES, 2011, p. 9).

Após o fechamento, a maioria das pessoas que estavam no hospital foi praticamente abandonada e esquecida por suas famílias, pelo poder público e pela sociedade civil. Permaneceram à margem de uma grande cidade e, nas proximidades do antigo hospital, começaram a se organizar para encontrar formas de sobrevivência diante do preconceito e do desprezo de pessoas que, por ignorância, faziam questão de evitar o contato social com portadores da doença que, até pouco tempo atrás, era considerada incurável.

Os testemunhos dos “sobreviventes” do Hospital-Colônia Antônio Aleixo, hoje todos idosos, estão repletos de histórias de vida e sinais da presença de Deus, mas também de histórias que fazem qualquer indivíduo organizado em sociedade refletir sobre suas atitudes e comportamentos. Como o Papa Francisco destacou em vários momentos de seu pontificado, a “cultura do descarte” (FRANCISCO, 2021, n. 188) pode ser muito bem verificada também entre os membros do bairro. Os cristãos, chamados a serem sal e luz (cf. Mt 5, 13-16) em um mundo cada vez mais marcado pelo individualismo, pela perda da consciência histórica, pela negação da possibilidade de uma reflexão mais crítica da realidade, pela perda de sentido e de valores éticos e humanos, muitas vezes se veem inertes diante desses desafios que, infelizmente, são característicos da cultura contemporânea.

Com base nas experiências de luta dos idosos e ex-pacientes do hospital da periferia de Manaus diante de uma sociedade que segue uma inclinação funcionalista, individualista, que exclui e não promove a cultura do encontro, é possível fazer a seguinte pergunta: como será possível imaginar outro modelo de coletividade que promova a fraternidade e a amizade social, que cuide da fragilidade das pessoas com ternura, como Francisco aponta em sua encíclica que deseja que todos sejamos irmãos e irmãs segundo o Evangelho de Jesus Cristo?

A seguir, o senhor José Rodrigues de Souza conta sobre seu processo de internação no antigo hospital-colônia, bem como sua saída após a desativação da unidade de tratamento, e como também conseguiu superar as dificuldades que ainda hoje encontra ao enfrentar situações de exclusão e abandono.

Meu nome é José Rodrigues de Souza, sou amazonense e brasileiro, entrei no antigo leprosário Antônio Aleixo em 1965 (...). Antes de

as irmãs saírem, elas me contrataram (...) e eu fiquei trabalhando no que sobrou do antigo hospital, que foi desativado em 1979 (...) e fiquei trabalhando no asilo Geraldo da Rocha, que ficou só como asilo, assistência social (...). Parece que as pessoas achavam que os pacientes que estavam internados, às centenas, no asilo, iam todos morrer e o leprosário ia acabar, né? Mas não acabou. Mais e mais pessoas estavam aparecendo... As irmãs sempre nos alertavam para termos cuidado com nossas coisas, porque senão, quando eles (o hospital) fechassem, a sociedade viria nos “amassar” de todas as formas. E é isso que ainda está acontecendo hoje. Vivemos aqui praticamente isolados em nossas residências (...). A maior parte da nossa “equipe” já se mudou para “outra dimensão” (...). E em nossa “equipe”, já somos poucos. Estamos dispersos... Às vezes, não sabemos quando está ocorrendo um funeral. Fico imaginando quem morreu. Às vezes, foi alguém da nossa “equipe”. Em relação à minha família de fora, desde o momento em que chegamos aqui, a família “nos abandonou” (faz um gesto) (...). E assim tivemos que formar uma nova família aqui no hospital (...). Nós já tínhamos filhos... estávamos nos casando (...). Eu já tenho um bisneto (...). Eu posso agradecer a Deus noite e dia, que me dá um pouco de condições para que eu possa fazer alguma coisa, porque é muito triste depender só de outros direitos(...). Sou um sobrevivente da guerra do leprosário. Dos meus dez dedos do pé, não tenho mais um dedo inteiro, mas mesmo assim agradeço a Deus por me dar condições de fazer algumas coisas.

No início da *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco afirma que existem “várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros” (FRANCISCO, 2021, n. 6), e que “ninguém pode enfrentar a vida sozinho (...); precisamos de uma comunidade que nos sustente, que nos assista e na qual nos ajudemos mutuamente a olhar para frente” (FRANCISCO, 2021, n. 8). Por que, então, esse movimento que elimina e ignora as condições de vida de várias pessoas continua a existir, mesmo sabendo que os seres humanos não podem viver isolados, sem o cuidado e a ajuda de uma comunidade de afeto e ternura?

Francisco é enfático ao dizer: “Tenha a coragem de dar voz àqueles que são discriminados por causa de sua deficiência, porque, infelizmente, em algumas nações, ainda hoje, há uma hesitação em reconhecê-los como pessoas de igual dignidade” (FRANCISCO, 2021, n. 98). Seria correto afirmar que então, ainda hoje, a sociedade, de acordo com o relato de José Rodrigues de Souza, continua querendo “acumular” idosos, deficientes, desempregados, migrantes e refugiados?

Quem são, na realidade, os verdadeiros beneficiários de um modelo de sociedade que quer unificar a cultura, favorecer o pensamento individualista e rejeitar o sonho de ter comunidades nas quais as pessoas possam compartilhar sua existência e suas experiências humanas

de fracasso e também de superação? O Papa se refere às pessoas mais privilegiadas quando diz que “algumas nascem em famílias abastadas, recebem uma boa educação, crescem bem nutridas ou possuem naturalmente habilidades excepcionais. Elas certamente não precisarão de um Estado ativo e exigirão apenas liberdade” (FRANCISCO, 2021, n. 109). Comparando essas pessoas às pessoas com deficiência, o papa sai em defesa dessas últimas: “Obviamente, a mesma regra não se aplica a uma pessoa com deficiência, a alguém que nasceu em um lar extremamente pobre, a alguém que cresceu com uma educação de baixa qualidade e com pouca chance de ser curado adequadamente de suas doenças” (FRANCISCO, 2021, n. 109). Francisco também afirma: “Se a sociedade for regida principalmente pelos critérios de liberdade e eficiência do mercado, não haverá lugar para eles, e a fraternidade será apenas mais uma expressão romântica” (FRANCISCO, 2021, n. 109).

3 ENXERGAR A REALIDADE A PARTIR DA ÓTICA DA ESPERANÇA

Essa realidade específica dos antigos pacientes do Hospital-Colônia Antônio Aleixo, pode ser interpretada a partir de muitos outros textos de Francisco, das Sagradas Escrituras e também do Magistério da Igreja para que eles, por meio do Espírito Santo, ajudem a lançar luzes para uma mudança constante de mentalidade e de postura dos cristãos e cristãs para que tenham como horizonte o Reino de Deus e aqueles que se encontram em suas periferias existenciais. Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco propõe a esperança como força motriz para a construção de uma sociedade mais fraterna. Uma esperança que “fala de uma realidade que está enraizada nas profundezas do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive” (FRANCISCO, 2021, n. 55). Uma esperança que tem a ver com “uma sede, uma aspiração, um anseio de plenitude, de uma vida realizada, um desejo de alcançar o que é grande, o que preenche o coração e eleva o espírito em direção a coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor (...)” (FRANCISCO, 2021, n. 55).

Que esse seja o espírito para enfrentar os desafios pastorais rumo a uma “Igreja em saída” é um desejo válido não só para as periferias existenciais da Amazônia, mas para todo o mundo carente de sentido. Juntos, segundo Francisco, todos podem tornar-se “artesãos da paz prontos para gerar processos de cura e reunião com engenhosidade e audácia” (DEPIZZOLI, 2013, 149).

CONCLUSÃO

O papa Francisco, em seu pontificado, já se referiu diversas vezes ao termo “periferias existenciais” quando vai se dirigir à necessidade urgente a que conclama todos os cristãos e cristãs para que façam parte de uma Igreja em Saída rumo às pessoas que estão nas periferias e “que precisam da luz do Evangelho” (FRANCISCO, 2013, n. 20). O pontífice também ampliou o sentido do termo ao dizer que as pessoas que vivem nas periferias existenciais:

não são apenas aqueles que por motivos econômicos se encontram à margem da sociedade, mas também quantos estão saciados de pão

mas vazios de sentido, são também aqueles que vivem situações de marginalidade devido a certas escolhas, ou a fracassos familiares, ou por causa de situações pessoais que marcaram indelevelmente a sua história (FRANCISCO, 2022, s/p).

São diversas periferias no mundo contemporâneo. “Conclamar a Igreja a ‘ir às periferias’ foi o discurso que elegeu o cardeal Bergoglio, segundo o cardeal de Havana. Não só as periferias geográficas, mas ‘as existenciais, do mistério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância e ausência da fé, de toda a miséria’” (RICUPERO, 2013, s/p). A visão do Papa Francisco para uma “Igreja em saída” destaca a necessidade urgente da Igreja Católica envolver-se com as “periferias existenciais” do mundo contemporâneo. Essas periferias não se referem apenas aos economicamente marginalizados, mas também àqueles que vivem o vazio de vida e àqueles que são marginalizados por escolhas de vida e por experiências pessoais. Francisco chama a uma pastoral de escuta e diálogo, reconhecendo a dignidade e a voz de todos. Com o Sínodo da Sinodalidade, da Amazônia, marcando o Dia Mundial dos Pobres, etc., o Papa convocou a Igreja a uma renovação tanto teológica quanto pastoral centrada no encontro do eu com o outro. Esta é a única maneira pela qual a Igreja pode realizar sua missão evangelizadora, trazendo a luz do Evangelho para todos os aspectos da vida humana.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. A. *Do hospital ao bairro: desativação do “hospital-colônia” e criação do bairro Colônia Antônio Aleixo em Manaus* - AM. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Manaus, 2011;

BÍBLIA de Jerusalém. 11.ed. São Paulo: Paulus, 2016;

DEPIZZOLI, A. M. *Catequese no Brasil junto à pessoa com deficiência*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia, São Paulo, 2013;

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. Roma: 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 2 maio 2024;

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma: 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 22 junho 2024;

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência*. Vaticano: 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/pontmessages/2022/documents/20221203_messaggio-disabilita.html>. Acesso em: 2 maio 2024;

IBGE. Panorama da população de Manaus. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>>. Acesso em: 2 maio 2024;

RICUPERO, R. Periferias existenciais. *Rubens Ricupero*, 1º abr. 2013. Disponível em: <<https://www.rubensricupero.com/artigos/periferias-existenciais/>>. Acesso em: 22 jun. 2024.